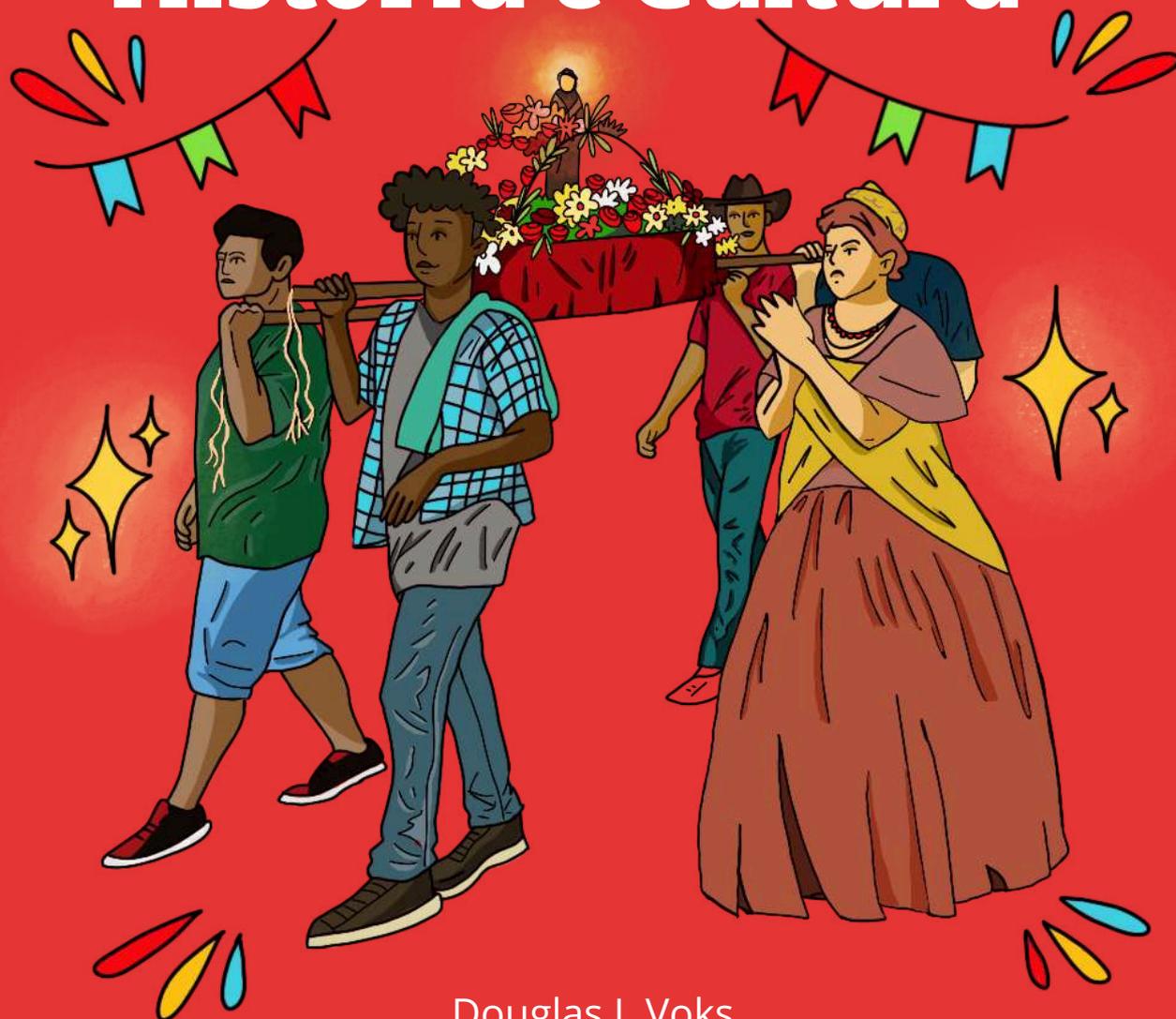




Coleção NEISF Educacional

Corumbá e o Banho de São João

História e Cultura



Douglas J. Voks
Guilherme Cunha
Leonardo Cuellar



Coleção NEISF Educacional

Corumbá e o Banho de São João

História e Cultura



Apoio Financeiro



Apoio Institucional



Realização



Coleção NEISF Educacional

Copyright © by OBISFRON

Direitos autorais reservados de acordo com a Lei 9.610/98

Coordenação Editorial

Douglas J. Voks

Capa e demais ilustrações

Hemilly Ariane de Arruda Moreira - @ilustra_hemilly

Redação

Douglas J. Voks; Guilherme Cunha; Leonardo Cuellar

Revisão

Vivian da Veiga Silva; Anderson Luís do Espírito Santo; Lenita Maria B. E. Mendes

Impressão

Fábrica do Livro

Observatório de Inovação Social da Fronteira (OBISFRON)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal
Avenida Rio Branco, 1270 UFMS/CPAN - Unidade 1, Bloco 10/J - Universitário,
CEP: 79.304-902 - Corumbá-MS.
Site: www.obisfron.com.br Instagram: @neisf.ufms
E-mail: nucleoneisf@ufms.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Voks, Douglas

Corumbá e o banho de São João [livro eletrônico]:
história e cultura / Douglas Voks, Guilherme Cunha,
Leonardo Cuellar. -- 1. ed. -- Florianópolis, SC : Imaginar
o Brasil Editora, 2023. -- (Coleção Neisf Educacional)

Bibliografia
ISBN 978-65-992964-6-8

1. Corumbá (MS) - Aspectos culturais 2. Corumbá (MS) -
História 3. Corumbá (MS) - Usos e costumes 4. Patrimônio
imaterial - Corumbá (MS) I. Cunha, Guilherme. II. Cuellar,
Leonardo. III. Título IV. Série.

23-152746

CDD-987.71

Índice para catálogo sistemático:

1. Corumbá : Mato Grosso do Sul : Estado : História
987.71

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB - 1/3129

É permitida a reprodução e aplicação desse material em sala de aula e em outros espaços educacionais e culturais, desde que devidamente solicitado e referenciada a autoria. Para contato e solicitação de autorização acesse www.obisfron.com.br/contato/

Sumário

| | |
|---|-----------|
| Agradecimentos..... | 5 |
| Apresentação..... | 6 |
| O Banho de São João em Corumbá..... | 7 |
| Corumbá e sua História..... | 9 |
| O Banho de São João e seus significados..... | 20 |
| O Banho do Santo no Rio Paraguai..... | 32 |
| Sincretismos religiosos..... | 35 |
| Fotografias..... | 41 |
| Jogos..... | 44 |
| Referências..... | 49 |
| Sobre os autores..... | 50 |



Agradecimentos

Agradecemos, inicialmente, a todos os festeiros e festeiras de Corumbá, que, através da sua fé e devoção, mantêm viva essa tradição que se perpetua na história de Corumbá. Em especial, agradecemos à festeira Reginalda Mendes Vera e o festeiro Pedro Paulo Miranda, que dispuseram do seu tempo para conceder uma entrevista para esta pesquisa.

Agradecemos à FUNDECT pela concessão das bolsas, que permitiu a realização desta pesquisa e disseminar a cultura científica entre os discentes do Ensino Médio.

Agradecemos ao Núcleo de Estudos de Inovação Social da Fronteira - NEISF e a UFMS-CPAN, pelo apoio nesta jornada e colaboração para o endossamento da pesquisa.

Por fim, agradecemos a Escola de Tempo Integral Júlia Gonçalves Passarinho, que a todo tempo incentivou a realização e a divulgação dessa pesquisa.



Apresentação da 2ª Edição

Um ano após o lançamento da primeira edição (2023), esta 2ª edição chega cheia de novidades, começando pelas inúmeras fotos e ilustrações que vão encantar quem já conhece a manifestação cultural do Banho de São João de Corumbá, ou permitirá uma excelente aproximação para aqueles que ainda estão conhecendo.

Dentre os principais pontos desta segunda edição, destaca-se o olhar atento e pedagógico lançado para o sincretismo religioso, chamando atenção para o racismo religioso e buscando contribuir para as manifestações em torno de Xangô, já presentes nesse território. Mas, o grande triunfo dessa segunda edição foi trazer atividades e conceitos para ser trabalhado dentro da sala de aula, uma vez que a cartilha da primeira edição se transformou nesse livro paradidático. Isso por que, o desafio da nossa sociedade é manter viva a tradição do Banho de São João.

Esse projeto começou com uma constatação: apesar da sua grandiosidade e de o banho de São João de Corumbá ter se tornado Patrimônio Histórico Imaterial, ao indagar alunos e alunas sobre o conhecimento dessa manifestação cultural, verificou-se que eles e elas desconhecem a história, não sabem por que isso ocorre anualmente, enxergam o período apenas como festa ou, de acordo com alguns relatos, se quer gostam dessa manifestação. Isso tudo é preocupante, afinal, para salvaguardar o São João enquanto patrimônio e até explorá-lo através do turismo, temos, como condição obrigatória, que manter acesa a sua tradição – fortalecer o seu conhecimento e a sua identidade no território – e isso demanda o seu ensino na escola para além dos momentos já bem trabalhados do festejo, tais como organizar um arraial de São João, prática comum nas escolas corumbaense.

Dessa constatação, o incômodo surgiu quando se verificou a inexistência de materiais didáticos para trabalhar o São João de Corumbá em sala de aula, tendo apenas algumas cartilhas, com foco em potencializar o turismo, e alguns artigos científicos e dissertações, que não possuem uma linguagem de fácil aplicação para ser trabalhado em sala de aula. Assim, esse livro servirá de apoio para que professores(as) possam ter um material de qualidade, atrativo e pedagógico, permitindo que a temática seja trabalhada no período junino, além das tradicionais festas promovidas pelas escolas.

Corumbá-MS, 24 de junho de 2024.

Anderson Luís do Espírito Santo
(UFMS-CPAN)

🕯️ Banho de São João em Corumbá

O banho de São João é uma festividade religiosa que ocorre no município de Corumbá (Mato Grosso do Sul), na virada do dia 23 para o dia 24 de junho, data que celebra o dia de João Batista, profeta que utilizava o batismo como símbolo de purificação da alma, e tem como uma de suas práticas a descida da Ladeira Cunha e Cruz com o andor para banhar a imagem do Santo na prainha, à margem direita do rio Paraguai.

Celebrado há mais de 100 anos, essa manifestação cultural conquistou expressividade nos últimos anos, principalmente após 2021, quando foi reconhecida como um **patrimônio histórico imaterial** de Corumbá. No entanto, a sua história e a sua origem nos remetem a um passado bem distante, que se entrelaça com a própria história de Corumbá. É isso que relataremos a seguir.

Cultura é a maneira própria de existir, pensar e agir de cada sociedade, se manifestando de maneira material (comidas, roupas, utensílios, arte etc.) e de maneira imaterial (hábitos, costumes, linguagens, crenças, religiões, conhecimentos etc.). A elaboração da cultura permite ao ser humano habitar o mundo e compreender o mundo.

Patrimônio histórico imaterial é tudo aquilo que não podemos tocar, mas que marca a história ou identidade de um local ou povo. Isso significa que ele diz respeito às práticas que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações, tradições, folclore; formas de expressão musicais ou lúdicas.

Veja algumas fotografias do Banho de São João às margens do rio Paraguai



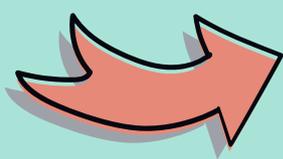
Essas fotografias e outras você pode conferir no site www.viajenaviagem.com.br só escanear o qrcode



CORUMBÁ E SUA HISTÓRIA

Corumbá está localizada na fronteira oeste do Brasil com a Bolívia, na margem direita do rio Paraguai. Foi fundada em 1778 como um vilarejo para delimitar e assegurar parte dos territórios portugueses na capitania do Mato Grosso. Assim, sua principal função era a de expandir e proteger as fronteiras do Brasil, sobretudo contra os invasores espanhóis. Devido à sua localização estratégica, que por muito tempo a configurou como entreposto da capital Cuiabá, e à sua importância comercial, em 1850 foi elevada à categoria de município (SENA, 2012).

Essas características, somadas ao fato de estar localizada na fronteira (o que permitiu a entrada de diferentes grupos de imigrante), lhe renderam uma singularidade. Corumbá foi se formando por uma multiplicidade **étnica**, que marcou as suas relações sociais e culturais. Essa multiplicidade se acentuou após a Guerra da Tríplice Aliança, pois, nesse momento, o município passou por um acelerado crescimento econômico, o que fez com que diversas pessoas vindas de outras regiões do Brasil e de outros países se estabelecessem em Corumbá, todas elas trazendo consigo suas tradições, religiosidades e costumes que marcaram profundamente a cultura local.



- Etnia é um conceito que se refere a um grupo humano que compartilha as mesmas origens, as mesmas tradições, a mesma língua e os mesmos traços físicos.

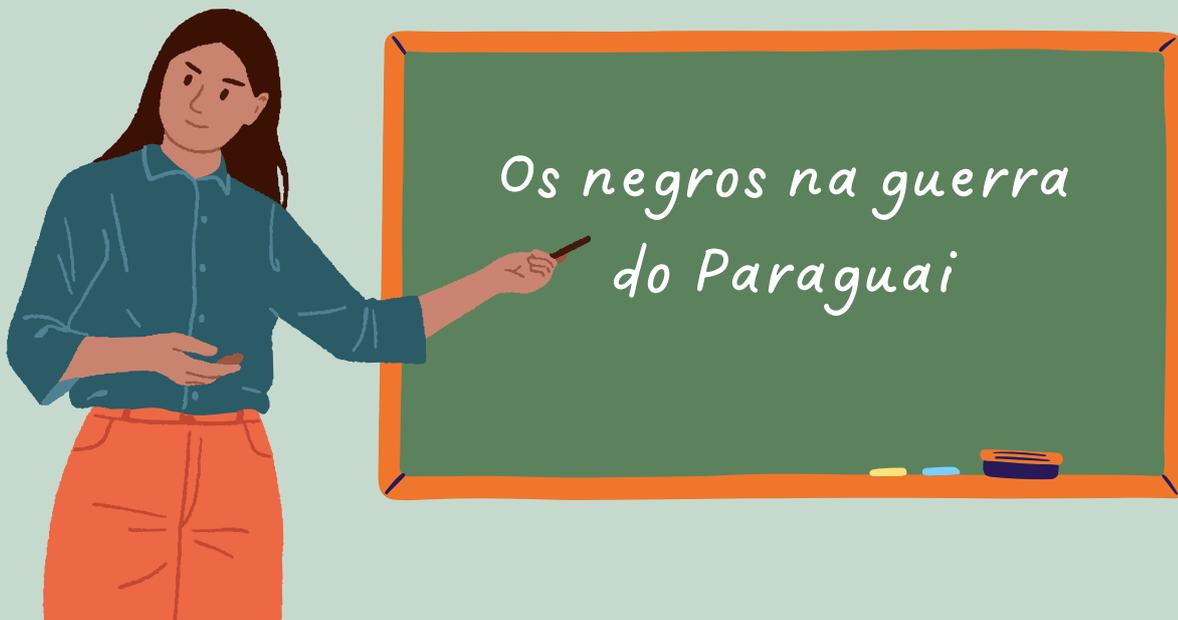
Dessa diversidade étnica, temos uma grande contribuição cultural vinda das populações negras. Em 1800, Mato Grosso possuía uma população de 25.821 pessoas, das quais, 16,42% eram de população branca e o restante de pretos e pardos, escravizados ou livres. Além disso, o fim da **Guerra da Tríplice Aliança**, em 1870, propiciou a entrada de novos fluxos de população negra para o Pantanal. Escravizados que combateram na guerra em troca da liberdade ao final do conflito permaneceram, em muitos casos, nas cidades de Corumbá e Ladário, e aí estabeleceram morada e constituíram família.

O declínio das minas de metais preciosos de Mato Grosso, que já havia dispersado significativo contingente de mão de obra cativa para fazendas e cidades da região no momento do pós-guerra, também contribuiu para ampliar o fluxo desses trabalhadores que, na condição de escravizados, vieram trabalhar na abertura de fazendas de gado na porção centro-sul do Pantanal (BANDUCCI, 2007).

A Guerra da Tríplice Aliança foi um conflito armado que ocorreu entre 1864 a 1870, no qual os países que formavam esse agrupamento (Brasil, Argentina e Uruguai) lutaram contra o Paraguai. Nessa disputa, Corumbá acabou sendo diretamente afetada. Primeiro, porque o seu desenvolvimento econômico estava atrelado ao rio Paraguai, sendo um importante entreposto comercial na rota de navegação que ligava Cuiabá (capital da província do Mato Grosso) com o restante do país. No decorrer da guerra, essa rota ficou bloqueada, fazendo com que Corumbá passasse por uma grande crise, devido a sua principal atividade econômica, o comércio, ter diminuído significativamente. Segundo, porque, entre os anos de 1865 e 1867, Corumbá foi tomada e ficou sob controle das tropas paraguaias até a sua retomada, pelo governo brasileiro, em 13 de junho de 1867.



Apesar do exército brasileiro ser de pouco mais de 18 mil homens – em comparação com os mais de 60 mil paraguaios –, a guerra serviu para unir, pela primeira vez, pessoas de todas as classes e regiões do Brasil. No entanto, a guerra se arrastou mais do que o esperado, isso tudo porque a geografia e o desconhecimento da região dificultavam as ações dos envolvidos. E, devido ao número de baixas das batalhas, o Imperador Dom Pedro II chegou a criar o programa **Voluntários da Pátria**, prometendo uma série de benefícios, como lotes de terras, dinheiro e a liberdade para os escravizados que se alistassem.



Alguns anos antes da guerra, a população brasileira era de aproximadamente 10 milhões, sendo que mais de 3 milhões eram escravizados (Gorender, 1978). Ao iniciar a guerra, em 1864, o exército brasileiro foi reforçado com contingentes da polícia e da Guarda Nacional. Além disso, em 1865 criou-se o "Voluntários da Pátria", que, em um primeiro momento, levou muitas pessoas a se alistarem voluntariamente e a lutar contra a invasão paraguaia do Rio Grande do Sul e do Mato Grosso. Porém, a guerra se estendeu por mais tempo do que se imaginava, e isso fez com que os ânimos diminuíssem e o número de voluntários fosse cada vez menor. Por conta disso, se iniciou o recrutamento forçado, obrigando ao alistamento.

Para fugir dessa situação de alistamento forçado, muitas pessoas estabeleceram formas de se esquivar dessa convocação. Quem possuía maiores recursos utilizava-se de doações em dinheiro, de equipamentos e até de escravizados para compor o chamado grupo Voluntários da Pátria, e, com isso, se vendo livre desse alistamento. A partir de então, a compra de substitutos, ou seja, a compra de escravizados para lutarem em nome de seus proprietários, tornou-se uma prática corrente.

Junto disso, o império passou a prometer a liberdade aos escravizados que se apresentassem para a guerra. O próprio imperador D. Pedro II deu o exemplo, libertando todos os escravizados das fazendas nacionais para lutarem na guerra. Não existem números certos sobre a porcentagem de escravizados alistados no exército imperial, mas estima-se que 20 mil escravizados tenham conseguido a sua liberdade com a guerra. Uma parcela significativa de escravizados, agora libertos, ao final da guerra acabam se estabelecendo em Corumbá e trazendo para a região a sua cultura.

Dentre as várias contribuições culturais da população negra, uma das que mais se destacam em Corumbá é a religiosa. As matrizes africanas deram origem a diversas manifestações sagradas no Brasil, sendo as mais famosas o Candomblé e a Umbanda.

As culturas africanas que aportaram no Brasil com a escravidão trouxeram consigo referências bastante diversas, como os cultos aos **Orixás**, aos **Voduns** e aos **Inkices**. No Brasil, essa manifestação estabeleceu diálogo direto com o cristianismo e com as religiões dos povos nativos, que resultou nas religiões afro-brasileiras ou afrodescendentes, promovendo um **sincretismo** religioso.



Orixás, Voduns e Inkices são divindades personificadas com elementos da natureza das religiões de matriz Africana.

Essas tradições e religiões podem ser diferenciadas pelos seus rituais e história, possuindo diversas especificidades, ainda que compartilhem filosofias e influências similares advindas do continente africano. O Candomblé, por exemplo, é um termo genérico usado para designar tradições criadas ou recriadas no Brasil por povos originários, principalmente de países atualmente conhecidos como Angola, Nigéria e República do Benim. Dessa maneira, considera-se que, ainda que algumas tradições tenham sido criadas de forma única no Brasil, a religião resgata a herança cultural, religiosa, ancestral e milenar africana que chegou ao país no período da escravidão.

O sincretismo religioso entre as religiões de matriz africana e o catolicismo é um fenômeno complexo e multifacetado, que se desenvolveu no contexto das Américas, especialmente no Brasil, Cuba e Haiti, devido ao processo de colonização e escravização de africanos. Esse sincretismo é o resultado da adaptação e resistência cultural dos povos africanos que foram forçados a se converter ao cristianismo pelos colonizadores europeus.

No Brasil, por exemplo, o Candomblé e a Umbanda são religiões que ilustram bem esse sincretismo. Os escravizados, vindos de diversas etnias e regiões da África, trouxeram consigo suas tradições religiosas, rituais e crenças. Ao chegarem nas Américas, encontraram-se em um ambiente hostil, onde a prática de suas religiões era proibida pelos colonizadores portugueses, que impunham o catolicismo como a única fé permitida.

Para preservar suas tradições e evitar perseguições, os africanos começaram a identificar suas divindades (os orixás, inquices e voduns) com os santos católicos. Esse processo de identificação foi facilitado por algumas semelhanças entre as características das divindades africanas e os santos católicos. Por exemplo, no Candomblé, Ogum, o orixá da guerra e do ferro, foi sincretizado com São Jorge, conhecido por sua imagem guerreira. Iemanjá, a orixá das águas e dos mares, foi associada à Nossa Senhora dos Navegantes. Oxum é a orixá do amor e é associada à Nossa Senhora Aparecida.

Recapitulando



Sincretismo pode ser compreendido como a fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com a reinterpretação de seus elementos. Dentro das senzalas, durante o período da Escravatura no Brasil, era proibido o culto a qualquer ritual que não fosse o católico. Assim, para poderem cultuar os seus Orixás, Inquices e Voduns, os negros foram obrigados a usar como camuflagem altares com as imagens de santos católicos cujas características melhor correspondiam às suas Divindades Africanas. Era debaixo desses altares que eles escondiam os assentamentos dos Orixás, dando assim origem ao chamado sincretismo. Mesmo usando imagens e crucifixos, os seus cultos e rituais inspiravam perseguições por parte das autoridades e pela Igreja Católica, que viam as manifestações religiosas africanas como rituais de bruxaria.



Desenho representando a Orixá Oxum, uma das divindades do Candomblé. Ilustração produzida pela artista Hemilly Ariane de Arruda Moreira.



Esse sincretismo não apenas permitiu a sobrevivência das religiões de matriz africana sob a opressão colonial, mas também criou formas religiosas únicas e resilientes que se adaptaram às novas realidades culturais e sociais das Américas. Além disso, ele demonstra a capacidade dos povos africanos de resistir culturalmente e manter suas identidades em um ambiente adverso.

O final da guerra trouxe também um grande aumento populacional para Corumbá, que passou a receber várias levas de imigrantes. Em 1876, por exemplo, foram 1.276 estrangeiros que chegaram à cidade, vindos do Paraguai, Itália, Argentina, Espanha, França, Alemanha, Inglaterra, Chile, Suíça, Portugal, Grécia, Áustria, México, Prússia, além de indivíduos oriundos do continente africano e asiático. A grande maioria desses imigrantes veio através de navegação fluvial, já que, no momento, esse era o meio de transporte mais veloz para chegar à Província.

Entre o total de imigrantes que ingressaram em 1876, a superioridade era o de paraguaios e isso é resultado dos problemas econômicos que o Paraguai passava após a derrota na guerra (SOUZA, 2004). Porém, o cenário econômico de Corumbá não era dos melhores. As atividades comerciais se reestabeleciam lentamente e havia um amplo abandono da região pela administração imperial.



Quer saber mais da Guerra do Paraguai?
escaneie o Qrcode



Em toda essa conjuntura que contextualiza parte da história de Corumbá, não se sabe ao certo quando se inicia as festividades do banho de São João em Corumbá. Durante o período colonial, os jesuítas realizavam festividades em homenagem a **João Batista** e, nesse mesmo período, as populações nativas realizavam rituais de purificação no rio Paraguai e, provavelmente, a devoção ao santo se misturou com as tradições.



Imagem de João Batista

Por isso, passou-se a dar o banho no São João nas águas do rio Paraguai com um significado de purificação e renovação. Porém, é a partir do fim da Guerra da Tríplice Aliança o momento mais provável que essa festividade tenha se popularizado, visto que a cidade passava por um crescimento populacional e econômico, os quais possibilitaram novas dinâmicas sociais e culturais.

João Batista foi o homem que, de certa forma, abriu as portas para a missão de Jesus. Pregador itinerante nascido na Judeia, ele se tornou líder religioso de um grupo de judeus da época, exaltando a importância de valores como retidão e a prática da virtude. No intuito de purificar as almas, lançava mão do batismo — realizado em cursos d'água, em cerimônias epifânicas. O batismo não foi uma invenção de João, pois já era praticado na época. A novidade trazida por ele foi o fato de que ele não restringia a participação aos judeus, permitindo também que o ritual servisse para a conversão dos considerados pagãos — e isso motivou polêmicas em seu meio (VEIGA, 2022).



Foi só a partir de 1889, com o advento da República, que trazia consigo a ideia de progresso e de uma nova sociedade, que Corumbá passou a experimentar ciclos de desenvolvimento e crescimento que lhe garantiram lugar de destaque no cenário econômico regional e internacional. É nesse período que se iniciou as atividades industriais na região, com implantação de charqueadas no curso do rio Paraguai e com o ciclo da erva-mate no Sul do estado.

Para estimular o desenvolvimento econômico e a ocupação desse território, o governo republicano promoveu políticas de isenção fiscal para o comércio praticado em Mato Grosso, visando atrair mais indústrias. Isso se somava ao fortalecimento econômico dos principais países industrializados europeus, que passavam por amplo desenvolvimento decorrente da segunda revolução industrial e, com isso, buscavam por novos mercados consumidores, voltando-se especialmente para os países sul-americanos. Com isso, Corumbá acabou sendo beneficiada com investimentos estrangeiros que, na passagem do século XIX para o século XX, começaram a investir de forma significativa no setor industrial e mercantil de todo estado, tendo Corumbá como polo centralizador das atividades econômicas (QUEIROZ, 2008).

É nesse contexto que os fluxos migratórios, sobretudo os internacionais, vão se intensificar e fomentar a atividade comercial de Corumbá, que teve a sua área portuária desenvolvida. Entre 1880 e 1910, a cidade passou a abrigar mais de vinte nacionalidades. Tais fluxos eram compostos por pessoas vindas de Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, França, Macedônia, Inglaterra, Síria, Líbano, Turquia, México e países do próprio continente, como da Argentina, Paraguai, Bolívia, Chile e Uruguai (OLIVEIRA; JUNQUEIRA, 2016).

E você, conhecia essa parte da história de Corumbá



Isso foi fundamental para a “mistura cultural” que tão bem representa a nossa cidade. A seguir são apresentadas algumas imagens que ilustram esse momento de expansão econômica e conseqüente chegada dos imigrantes.

1910. Corumbá. Vapores em descarga, no dia 23 Novembro.



Embarcações no Porto Geral de Corumbá -1910.
Foto extraída do arquivo do Museu Nacional.



Foto da Ladeira José Bonifácio - 1910.
Foto extraída do arquivo do Museu Nacional.



Vista do Porto Geral de Corumbá - 1910.
Foto extraída do arquivo do Museu Nacional.

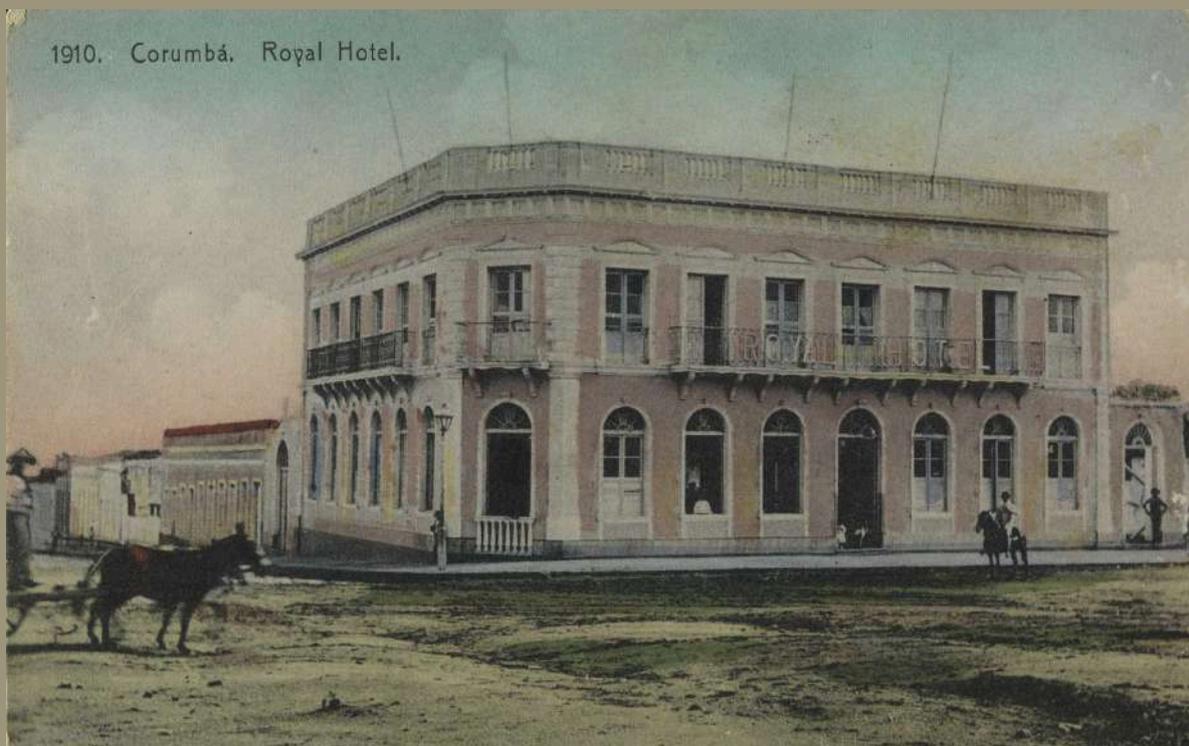


Foto do centro de Corumbá, esquina das ruas Quinze de Novembro com Treze de Junho - 1910.
Foto extraída do arquivo do Museu Nacional.

Banho de São João e os seus significados

O Banho de São João possui uma série de rituais. Os preparativos se iniciam com os cuidados dedicados ao Santo nas casas dos festeiros, incluindo a realização de novenas, confecção e decoração de altares e andores, oferta de alimentos, rezas e terços, giras em terreiros, levantamento de mastros, queima de fogueiras, oferendas, procissões com andores, entre outros. No



momento da festa, os devotos costumam rezar o terço, puxado por rezadores experientes, tanto nas festas católicas quanto nas de matriz afro-brasileira. Em seguida, o mastro, com a bandeira de São João, é erguido diante das casas e a fogueira é acesa. O mastro é erguido no dia 23/06 e ele só é baixado no dia 29/06, dia de São Pedro. Com a ajuda de várias pessoas, a haste é içada, indicando que é tempo de São João e que ali mora um festeiro. Então, os devotos dão três voltas em torno do mastro fazendo pedidos. Para alguns, o Santo, ali no alto, agora está mais próximo do céu, o que facilita levar as súplicas até Jesus e Deus (IPHAN, 2019, p. 105)

Segundo o festeiro Alfredo Ferraz

“Quando São João nasceu, Izabel que era prima de Maria, da Virgem Maria mãe de Jesus, elas combinaram que, como ela morava na região do deserto da Judéia, quando João nascesse, mandaria fazer uma fogueira, e vou mandar erguer um tronco de uma árvore com uma bandeira simbolizando o nascimento de João. Aí quando João nasceu, Zacarias, pai de João, preparou uma fogueira bem grande, e ergueu um tronco de uma árvore com uma bandeira sinalizando o nascimento de João. Então por isso na festa não pode faltar o mastro, porque o mastro simboliza o nascimento de São João, simboliza que naquela casa, naquela família, celebra-se o dia de São João Batista” (IPHAN, 2019, 104).



Mastro de São João

Geralmente o mastro é de madeira, estando sempre acompanhado de outros artefatos como a coroa, com as fitas e a bandeira. Para cada um desses itens há uma pessoa responsável pelos cuidados com a peça e sua ornamentação. Assim, tem-se a rainha da coroa, o alferes da bandeira e o capitão do mastro (IPHAN, 2019, p. 171).

Os rituais em torno do mastro são ainda mais complexos e repletos de significados, as fitas que fazem a decoração são utilizadas posteriormente para um ritual que busca a concretização das graças pretendidas. Segundo o festeira Pedro Paulo, as fitas de cetim são abençoadas pelas orações e precisam ficar junto da pessoa para qual a proteção foi pedida, por isso no dia 29/06 quando o mastro desce essas fitas são amarradas no braço ou guardadas na carteira, como uma forma de não apenas alcançar as graças, mas também como uma forma de proteção.

Na sequência, andor é, então, retirado do altar e conduzido pelos adultos para fora do ambiente privado, contorna por três vezes o mastro, com rezas e cantorias, e, em seguida, é conduzido em procissão em direção ao rio Paraguai. Durante o trajeto os participantes do cortejo cantam ladainhas, dão vivas e gritos em homenagem ao santo. No dia 23 é erguido o mastro, e ele só é baixado no dia 29 no dia de São Pedro (IPHAN, 2019).



Andor do Santo

Os andores de São João são instrumentos de conhecimento e comunicação. Por meio deles, o povo fala sobre sua relação com o sagrado, com a natureza, com as pessoas com as quais se relacionam, mas sobretudo, narra sua história de vida e de amor pelo santo. Nas palavras do festeiro Alexandre Ohara:

O andor é o momento onde a gente coloca aquilo que é de mais sagrado pra nós, né, pra apresentar, pra mostrar pra comunidade, para as pessoas [...], é aquilo que é mais importante naquele momento pra gente né, como se a gente tivesse mostrando pras pessoas aquilo de melhor que, que, vamos dizer assim, que simboliza dentro de nossa fé (IPHAN, 2019, p.168).

O Banho de São João, uma celebração realizada anualmente em Corumbá, Mato Grosso do Sul, é uma das festividades juninas mais ricas em simbologia e tradição no Brasil. O uso do andor na procissão e o ritual do banho da imagem de São João Batista são elementos centrais dessa celebração.

O andor, geralmente decorado com muito capricho, é levado em procissão até o rio Paraguai na noite do dia 23 de junho. Esse ato simboliza o batismo de Jesus por São João Batista no rio Jordão, reforçando a conexão espiritual e religiosa do evento. Ao banhar a imagem do santo nas águas do rio, os fiéis não apenas relembram esse momento bíblico, mas também acreditam em um processo de purificação e bênção, tanto para a comunidade quanto para o ambiente.

Além disso, o andor carrega um forte simbolismo de devoção e fé comunitária. Durante a procissão, os fiéis passam por baixo do andor, em um gesto que é acreditado trazer bênçãos e, segundo a tradição, ajuda até mesmo na busca por um casamento. O andor é um ponto de convergência de expressões de fé e de práticas culturais que incluem tanto elementos católicos quanto influências de religiões de matriz africana. A celebração, que se estende até a madrugada do dia 24 de junho, é acompanhada por diversos rituais, como a queima de fogos e apresentações culturais, que incluem danças e músicas típicas, destacando a riqueza cultural do Pantanal (IPHAN, 2019).

Na descida da Ladeira até o Porto Geral, os andores são saudados e acompanhados por pequenas bandas de músicos, para executar o tradicional hino de São João. O ritual conta também com a presença dos cururueiros, músicos que entoam os tradicionais cantos e ritmos das festas da região, o **cururu** e o **siriri**, com suas violas de cocho, confeccionadas em madeira inteiriça, esculpida e escavada em formato de viola. No passado, o número de cururueiros presentes na festividade era muito grande, já no tempo presente eles se fazem em menor número (IPHAN, 2019).



Cururu é uma musicalidade e **Siriri** uma dança com origem indígena, muito presente nas regiões interioranas e ribeirinhas dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan (2019), o ritual do Banho de São João é um momento de adoração, de gratidão por graças alcançadas, de renovação de promessas, da fé, da amizade e carinho com o Santo. Da mesma forma, é o momento em que os festeiros e as festeiras demonstram, não apenas ao santo, mas para toda coletividade, a dimensão de sua fé e devoção. Os festeiros e as festeiras entram com os andores no rio, seguidos por devotos e devotas, e fazem orações ao santo, realizam seus pedidos, agradecem os favores, renovam suas alianças e clamam por saúde, para si e para os familiares.



O banho de São João de Corumbá é uma grande festividade coletiva, composta por dezenas de núcleos familiares. Até 2022, mais de 80 famílias são registradas oficialmente¹ como festeiros – denominação dada à pessoa responsável por abrir a sua casa para as celebrações religiosas e festivas para São João Batista.

¹ Esses números se referem aos cadastrados na Prefeitura Municipal de Corumbá e que recebem auxílio. Contudo, o número pode ser bem maior.

Mas o mês de junho não é um momento de adoração apenas a São João (24 de junho). Cidade religiosa, Corumbá também cultua Santo Antônio (13 de junho) e São Pedro (29 de junho), que possuem suas comemorações e seus andores. Mas nem todas as famílias festeiras participam das três celebrações. Isso varia e, na maior parte, é cultuado pelas comunidades, caso de São Pedro, que é intensamente louvado pela comunidade que mora no bairro Beira Rio.

Viola-de-cocho é um instrumento musical produzido na região da bacia do Rio Paraguai – nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Destaca-se como um instrumento fundamental nos gêneros musicais cururu e siriri, cultivados, sobretudo, em manifestações culturais ligadas à religiosidade e à brincadeira. É produzida de modo artesanal e, tradicionalmente, com matérias-primas extraídas da natureza - do Pantanal.



Viola de Cocho



Para saber mais sobre esse instrumento e toda a sua cultura, você pode escanear o qrcode abaixo e acessar o dossiê de salvaguarda do modo de fazer a viola do Cocho do IPAHN.





Pintura em aquarela, representando o Banho de São João em Corumbá - desenho produzido pela artista corumbaense Hemilly Moreira.

Veremos, nas próximas páginas, que o banho de São João de Corumbá é uma festa geracional, pois as tradições são passadas dentro das famílias por várias gerações. O **festeiro** ou a **festeira** é uma liderança, que pode herdar esse posto ou se oferecer para assumir tal posição dentro da sua família. Isso geralmente ocorre quando alguém busca pagar uma promessa alcançada. Também ocorre dessa liderança ser passada para outro familiar (o sucessor), que é preparado pela liderança atual (antecessor).



Na cartilha, utilizamos os termos festeiros e festeiras para destacarmos a importância da participação das mulheres nos festejos do Banho de São João. Olhando o cadastro de festeiros, é possível observar que cerca de 70% são mulheres. Portanto, é fundamental dar visibilidade para a contribuição feminina na construção e na preservação dessa manifestação cultural.

Esse é o caso do festeiro Pedro Paulo Miranda. Em sua família, a festividade se iniciou há 58 anos (1965), quando sua mãe fez uma promessa para São João Batista salvar a vida do seu filho que estava à beira da morte. Segundo Pedro, **“a simbologia da festa do banho de São João para nós como festeiros é muito profunda. Tem vários segmentos, no meu caso, da minha comunidade, a festa até hoje é realizada devido a uma graça alcançada. Tem gente que faz por devoção ou por fé, mas muitos fazem por graça alcançada”**. Nas palavras de Pedro, fica evidente também o espírito coletivo e comunitário da devoção ao santo, pois, para muitos, a festividade não é mais apenas algo familiar, envolve também toda uma comunidade.

A carta ao lado narra, nas palavras de Pedro, como funciona a organização do banho de São João. Nesse caso, vemos que as decisões começam logo após o festejo de São Pedro (29 de junho), ocasião em que são definidas as tarefas e elencadas as pessoas que participarão no próximo ano. A celebração ganhou proporções comunitárias e, hoje, não se restringe apenas a uma família, incorpora também outros personagens do bairro. Isso demonstra o comportamento coletivo em torno dessa celebração e a importância para essas famílias.

Arraial da Família Miranda

Na noite de São João, a gente tem a parte religiosa, que é a reza, o acendimento da fogueira, erguemos o mastro com a bandeira de São João, e só depois vamos para o rio Paraguai. Corumbá, talvez, seja uma das poucas cidades que tem como um dos pontos altos da festa o banho de São João, no rio Paraguai. Na noite do dia 23 de junho a cidade fica em procissão. E o momento de levar o andor com a imagem de São João para o rio Paraguai, simbolizando o batismo, como foi o batismo de São João em Cristo e de Cristo em João, nas águas do rio Jordão.

E aí, como que a gente se organizava, né? Como a tradição começou entre a família e entre os integrantes do Centro Espírita que frequentávamos, era feito um sorteio. Depois de a gente arriar o mastro na noite de São Pedro, pegávamos dois chapéus de palha, num chapéu colocávamos o nome das pessoas e no outro as funções. "Dona Maria, a senhora ano que vem vai trazer 5 litros de licor" - então ela já sabia que no próximo ano ela levaria o licor. "Senhor João vai trazer uma caixa de fogos", que São João sem foguetórios não tem graça né?

Assim, íamos dividindo as tarefas e sorteando as funções: a rainha do ramallete (trazer as flores que enfeitam o andor), a rainha da coroa (ornamentar a coroa), o capitão do mastro (responsável por pintar e ornamentar o mastro). O mastro é um dos símbolos da festa de São João. Nele vai a coroa e a bandeira com a imagem do santo. Normalmente nas cores vermelho e branco, que significa vida (vermelho) e paz (branco).

Então era feito todo esse sorteio. As pessoas já levavam pra casa até o papelzinho de qual era a sua responsabilidade. E assim foi por muitos anos. Mas, a partir do momento que a festa cresceu muito, a gente já não realiza o sorteio só dentro do nosso quintal, ou direcionado a família, ou aos participantes lá do Centro Espírita. Hoje, ela já foi pra rua, então a gente organiza de uma forma diferente. Fica eu como o responsável, e o meu filho e a minha esposa lideram os demais, que ajudam na organização. Além do andor e do mastro, temos a confecção das bandeirolas, e ali como a comunidade já percebeu que a festa foi pra rua, é de todos. Hoje, graças a Deus já temos membros que moram ali na comunidade que já se prontificam da bandeirola, outro pergunta se está precisando de lâmpadas e assim a gente vai - cada um vai somando o esforço e preparando a festa.

Assim, as comemorações e os rituais religiosos transcendem os espaços privados e ocupam os espaços públicos no dia 23 de junho, momento em que festeiros e festeiras ocupam as ruas de Corumbá em direção à ladeira Cunha e Cruz para dar o banho do santo no rio Paraguai.

Essa perspectiva geracional pode ser compreendida pela longevidade dessa tradição. O primeiro registro histórico sobre o banho de São João nos leva para o final do século XIX. Em 1882, um jornal de Corumbá chamado “O Iniciador” publicou a seguinte notícia sobre a festividade:



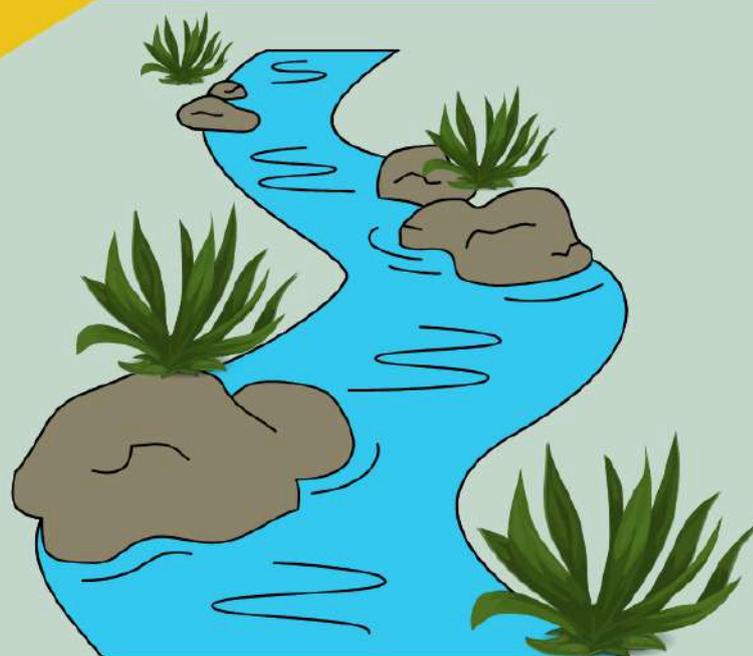
“Diversas imagens de São João, apesar do cortante frio que reinou na noite de 23, foram levadas em procissão até o porto da cidade, em cujas águas sofreram o indefectível banho tradicional. Havia tantas procissões e andores do santo quantos fossem os festeiros. Tratava-se de pessoas que cumpriam promessa. Todas as procissões acabavam se encontrando na ladeira central, de acesso ao porto e ao rio Paraguai”.

Segundo o historiador João Carlos de Souza (2004), esse é um dos primeiros registros que temos do Banho de São João. Chama atenção que, em 1882, o jornal já nominava o evento de “tradicional” e isso indica o quanto essa festividade em Corumbá é ainda mais antiga.

Isso pode ser correlacionado com outro importante registro que ocorreu nos anos de 1930, quando um viajante chamado Rezende Rubim passou por Corumbá e publicou um livro com as suas impressões sobre a cidade, dando destaque para o Banho de São João. Segundo Rubim, não havia diferenças sociais durante a descida da ladeira e o banho no rio, pois *“tanto pobres quanto ricos levam a sua imagem até o rio, desde a mais modesta até a mais suntuosa, recebem dos fieis as homenagens que têm direito”* (RUBIM, 1930, p. 28).



Nessa manifestação, o rio desempenha um papel fundamental, pois, na tradição popular, acredita-se que na passagem de 23 para 24 de junho as águas do rio Paraguai tornavam-se milagrosas, no mesmo momento em que as águas começavam a baixar. No Pantanal, o rio está sujeito ao ciclo das águas que coincide respectivamente com o solstício de verão (em dezembro, cheias) e de inverno (em junho, vazante), quando ocorre a festa do Santo.



Em Corumbá, essa simbologia do batizado ganhou força por conta das águas do rio Paraguai e é ainda mais forte por conta da coincidência dos fenômenos da natureza através do ciclo das águas, incorporada dentro da lógica pantaneira na qual a vazante do rio inicia um período de abundância e prosperidade com aumento das áreas de pastagem e de peixes.

No passado, esses ciclos eram regulares, ocorrendo a cada 6 meses. A partir desses ciclos, advém a crença do povo de que no momento exato em que a imagem de São João era banhada, o rio Paraguai começava a baixar (MACÊDO, 1983).

Outra festeira de Corumbá é a senhora Reginalda Mendes Vera, responsável por um dos arraiais mais famosos da cidade, o **Arraiá da Concha**. Nessa comunidade, o banho do santo remete à religiosidade cristã e representa o batismo de Cristo no rio Jordão, Nas palavras de Reginalda:

O banho de São João é tradicional. Muitas pessoas pensam que esse banho é apenas um banho, mas ele é muito importante, pois, à meia noite (do dia 23 para 24), para quem está na beira do rio Paraguai, aquelas águas se tornam milagrosas. Então, tenho para mim que quem acredita e que tem fé em São João sabe disso, e aquela água é tão sagrada que a gente leva uma garrafinha para trazer aquela água para casa”.



Festeira/Devota Reginalda Mendes Vera com o seu andor nas vésperas do São João



Festeira/Devota Reginalda Mendes Vera banhando o Santo no rio Paraguai no São João de 2023.

O BANHO DO SANTO NO RIO PARAGUAI

O Banho do Santo é o momento culminante das celebrações a São João. A cerimônia consiste em jogar a água do rio Paraguai sobre a imagem do santo, em gestos contidos e ritualizados ou através de movimentos expansivos e espontâneos, buscando reproduzir simbolicamente o batismo de São João por Cristo. É um ritual de purificação - e, por associação, de potencialização dos laços com o santo - que acontece por intermédio das águas do rio, tidas naquele momento como sagradas (IPHAN, 2019)

Esse ritual, mais do que religioso, é também um momento de adoração, de gratidão por graças alcançadas, de renovação de promessas, da fé, da amizade e carinho com o Santo. Da mesma forma, é o momento em que os festeiros demonstram, não apenas ao santo, mas a toda comunidade, a dimensão de sua fé e de sua devoção. Os festeiros entram com os andores no rio, seguidos por outros devotos, e fazem orações ao santo, realizam seus pedidos, agradecem os favores, renovam suas alianças e clamam por saúde, para si e os familiares. *Um bom devoto não deixa de cultuar seu santo. Um santo bem cuidado, celebrado com persistência e carinho, atrai novos adoradores, o que aumenta seu poder de conceder graças* (IPHAN, 2019, p. 135).

Dentre as várias simbologias e sincretismos, o banho de São João foi adquirindo novos significados ao longo do tempo. Por exemplo, na tradição popular cristã, Santo Antônio é visto como o santo casamenteiro, mas em Corumbá é São João quem ganha essa função. Segundo Reginalda, não se sabe ao certo quando e por que São João se tornou um santo casamenteiro, mas na simbologia popular, algumas pessoas, ao pedirem ao santo um casamento, foram atendidas e, a partir daí, criou-se a ideia de que ele poderia ser também casamenteiro. Desde então, homens ou mulheres solteiras que querem ter seu pedido atendido precisam passar sete vezes por baixo do andor cantando **“Deus salve São João Batista sagrado, no ano que vem quero estar casado”**. Mas não é apenas para pedir casamento que os devotos passam por debaixo dos andores, muitos devotos passam por baixo dos andores pedindo graças.

Segundo o historiador João Carlos de Souza, é possível perceber perfeitamente na festa de São João *“um núcleo religioso cristão, cujo referencial é a Bíblia: o profeta que vivia no deserto e anunciava a vinda de Cristo; o batismo de Jesus no rio Jordão; a decapitação de João Batista. Também vigoravam práticas devocionais católicas, como a novena, a reza e a veneração da imagem do santo. Existe o emprego de uma simbologia constituinte da festa (água, fogo, alimento), que extrapola esse universo religioso e apresenta um potencial passível de re-significações, em razão de sua universalidade e de seus pontos de contato com as mencionadas festas pré-cristãs, como no pantanal acabou acontecendo. Exemplificando, a água utilizada no rito do batismo também simboliza a esperança de boa colheita, maior produção e fertilidade”* (2004, p. 355).

Um dos significados da festa é a renovação. O fogo e a água associam-se à esperança de renascimento e dias melhores. No contexto da região, o rio tinha uma importância vital para a população pantaneira, que vivia e dependia do fluxo das cheias e vazantes dos rios do pantanal. A partir disso, se formou a crença de que na noite de São João, após o banho do santo, as águas do Rio Paraguai começavam a baixar. O ciclo das águas na região, de modo geral, compreende a cheia de dezembro a junho e a vazante de junho a dezembro (SOUZA, 2004).



Na bíblia, João Batista carrega elementos que potencializam essas associações. Era apresentado como um eremita, um profeta que vivia no deserto, comia gafanhotos, conforme descrito no Evangelho de São Lucas. Uma vida típica de quem vivia em lugares selvagens. Em razão disso, foi identificado com o espírito da vegetação e, na Europa, era representado com um ramo na mão, fato que também se verifica no Brasil.

Essa prática de fé e devoção acaba se misturando com rituais festivos e alegres. Assim, o banho de São João transcende um ritual cristão e se transforma em um momento de festividade, alegria e comemorações. Ao longo de todo festejo, encontramos muita música, danças e uma rica culinária.



Alunos da Escola de Tempo Integral Júlia Gonçalves Passarinho descendo a ladeira Cruz e Souza para banhar o santo no rio Paraguai no dia de São João de 2022. Essas atividades não buscam promover uma determinada religiosidade, mas sim apresentar aos alunos as riquezas culturais dessa festividade que é considerada um patrimônio imaterial da cidade. Foto extraída do site da Secretaria Estadual da Educação SED/MS.



SINCRETISMOS RELIGIOSOS

Nessa manifestação religiosa, encontramos também uma aproximação cultural resultante da interação na fronteira Brasil-Bolívia, onde Corumbá está localizada. Aqui, o limite internacional (que delimita os dois países) não inibe as intensas relações sociais e culturais, pois as tradições e costumes circulam livremente entre Corumbá (Brasil) e Porto Quijarro (Bolívia). Durante as festividades do Banho de São João, a presença boliviana é constante e duas santas católicas de grande devoção para os bolivianos, a Virgem de Urkupiña (imagem ao lado) e a Virgem de Cotoca (ambas representando a Virgem Maria), acompanham o andor dos devotos bolivianos de São João, durante a descida da Ladeira Cunha e Cruz para o ritual do banho.



Virgem de Urkupiña

Apesar de ser uma manifestação religiosa advinda do catolicismo, o banho de São João de Corumbá incorpora outras religiosidades. Há festeiros que se declararam católicos, espíritas, umbandistas e alguns definem que sua religião é de matriz africana. Essa diversidade de crenças indica que a festa conta com a participação de grupos religiosos distintos. No caso da Umbanda e Candomblé, os rituais festivos e de devoção ao santo são realizados em diversos terreiros da cidade. São João Batista é considerado santo justiceiro, por isso a sua imagem é associada a Xangô, e muitos andores descem a ladeira com a imagem de São João e Xangô também.

“Meu Pai São João Batista,
Ele é Xangô. E dono do
meu destino até o fim. Se
um dia me faltar a fé no
meu Senhor. Que role
essa pedreira sobre mim”

No São João não
tem discriminação
religiosa!!



Esse “ponto”, cantado pelos adeptos das religiões de Umbanda e Candomblé em Corumbá, é um bom referencial para o entendimento da participação desses religiosos na Festa e Banho de São João. Entender o porquê de “meu Pai São João Batista” ser “Xangô” explicita esse pertencimento entre essas religiões e a festa (IPHAN, 2019, p. 79).



Desenho representando o Orixá Xangô, uma das divindades do Candomblé, associado a São João Batista. Ilustração produzida pela artista Hemilly Ariane de Arruda Moreira.

Xangô, personagem de grande relevância nos cultos afro-brasileiros de Corumbá, é um Orixá. Xangô teria sido um rei da Cidade de Oyó, na atual Nigéria. Em função de seu trabalho junto a sua comunidade visando a solução de problemas da população ficou conhecido, após sua morte, como um Rei/Orixá da Justiça. Por utilizar uma prática mágica que fazia com que soltasse um fogo potente pela boca, ficou conhecido como Rei/Orixá do trovão (PRANDI; VALLADO, 2010).



A festa de São João é identificada pelos festeiros e festeiras de religiões de matriz afro-brasileira como sendo de profundo pertencimento a esses grupos. *Ainda que, num primeiro olhar, ela seja associada eminentemente à tradição católica, em decorrência mesmo da origem do Santo, a presença dos umbandistas e candomblecistas é muito expressiva* (IPHAN, 2019, p. 86).

A presença e o grau de envolvimento dos grupos afro-brasileiros no Banho de São João também podem ser identificados na descida dos andores, no dia da festa, em Corumbá. Sinais como vestimentas comuns de praticantes de cultos afro-brasileiros, camisetas estampadas com emblemas de casas religiosas, andores com nomes das casas, entre outros, são indicadores dessa presença. É possível também perceber, para aqueles que conhecem essas religiões, outros sinais menos claros, como imagens de santos católicos dispostos nos andores, para além da imagem de São João, que se explica pelo sincretismo presente nessas religiões (IPHAN, 2019).



Quer aprender um pouco sobre as religiões de Matriz Africana? Escaneie o Qrcde



Essa mistura de simbologias e crenças divide um espaço de harmonia, pois, independente da crença, o que prevalece é a fé de cada um. Nas palavras da festeira Reginalda Mendes Vera, “essa mistura é muito boa, porque cada um vai com a sua tradição, cada um tem a sua fé. Não importa se é de Umbanda, Candomblé ou Católico, ali se reúne todos por um só motivo, a fé”. O festeiro Pedro Paulo Miranda complementa, afirmando que:

“O São João tem esse sincretismo religioso, ali junta à umbanda, o candomblé, o católico e o apostólico. Ele tem essa força de poder de aglutinar. São João sempre aglutina, ele não é de espalhar, ele é de aglutinar, São João tem esse poder. Na ladeira, quando a gente se encontra, os andores se cumprimentam, é uma tradição. Quando um andor vai descendo a ladeira e outro vai subindo, ou mesmo nas ruas dos arredores, ao se encontrarem os andores se cumprimentam, agachando três vezes. Quando isso acontece, as pessoas explodem de alegria. É uma emoção renovada toda vez que a gente desce em procissão, desce a ladeira, sobe a ladeira. No nosso caso, não é um trajeto curto, pois nós moramos numa comunidade bem afastada do rio Paraguai. Mas a gente vem, sempre participa. Você acha força, vem na raça, sobe e desce a ladeira, volta pra casa e continua a festa até madrugada fora”.

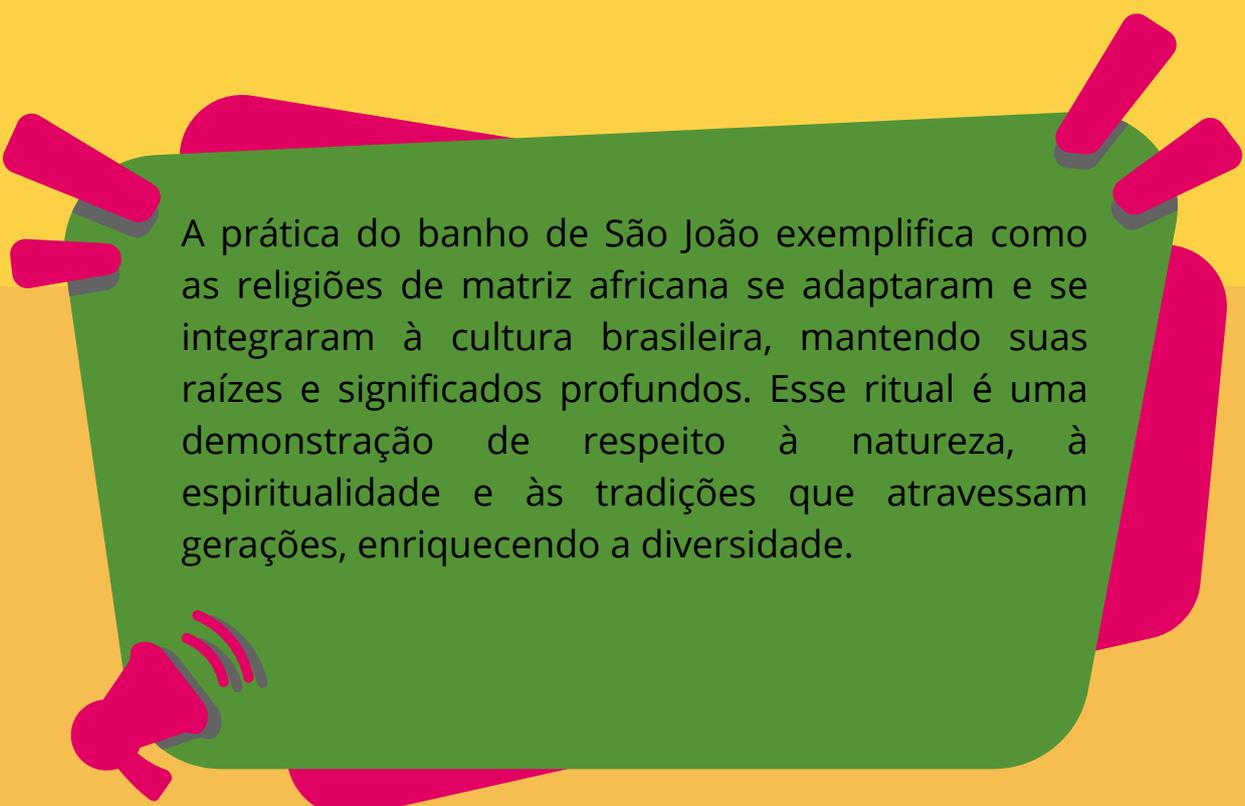


Banho de São João (Foto: Vânia Jucá/Acervo Iphan) - Foto extraída do site gov.br

A religião de matriz africana no Brasil inclui diversas tradições, como o Candomblé e a Umbanda, que preservam rituais trazidos pelos africanos escravizados. Um dos aspectos importantes dessas religiões é a prática dos banhos ritualísticos, que têm significados espirituais e são usados para limpeza e proteção.

O banho de São João é um exemplo significativo, especialmente dentro das festividades juninas, celebradas no mês de junho em várias regiões do Brasil. Esse banho não apenas honra São João Batista, um santo popular do catolicismo, mas também se entrelaça com os elementos de matriz africana. Para essas religiões, a preparação do banho de São João inclui a coleta de ervas específicas, que podem variar conforme a tradição ou a orientação espiritual recebida. Algumas das ervas comuns usadas são: Arruda, Alecrim, Lavanda. Essas ervas são geralmente maceradas ou fervidas em água, criando uma infusão que será usada no banho.

O banho de São João é um ato de fé e um momento de conexão espiritual. Ele simboliza a renovação, a esperança e a crença no poder transformador das forças espirituais. Para os praticantes das religiões de matriz africana, este banho é uma forma de manter viva a tradição ancestral e de fortalecer os laços com os orixás, guias.



A prática do banho de São João exemplifica como as religiões de matriz africana se adaptaram e se integraram à cultura brasileira, mantendo suas raízes e significados profundos. Esse ritual é uma demonstração de respeito à natureza, à espiritualidade e às tradições que atravessam gerações, enriquecendo a diversidade.

Em Corumbá, as religiões de matriz africana se fazem muito presentes, como podemos observar nesse sincretismo religioso do Banho de São João. Porém, essas religiões, no Brasil, sofrem muito preconceito; é o que chamamos de **racismo religioso**.

Racismo religioso é um conjunto de práticas violentas que expressam a discriminação e o ódio por determinadas religiões e seus adeptos, assim como por territórios sagrados, tradições e culturas. No Brasil, as **Religiões de Matriz Africana** são os principais alvos do ódio religioso, e isso ocorre por conta do racismo.



Religiões de Matriz Africana são aquelas que surgem no Brasil e trazem consigo vários elementos de etnias Africanas. Essas religiões surgem a partir do processo de escravidão, e era uma forma de manter viva a cultura, as tradições e os saberes oriundos da população escravizada.

Em nossa constituição, o artigo 5º prevê que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”. Isso significa que, na forma da lei, apesar do preconceito racial, todos têm liberdade para expressar as suas manifestações religiosas. No entanto, essa liberdade nem sempre existiu. No período Imperial, por exemplo, a constituição de 1824 declarava como oficial a religião católica no país e proibia a realização de cultos públicos de outras religiões. Com o início da República, se firmou um estado Laico e a constituição de 1891 decretava a separação oficial dos assuntos religiosos e do Estado. Essa separação entre o Estado e a religião perdura até os dias de hoje, e isso significa que não é permitida a interferência de assuntos religiosos na atuação do Estado.

Para saber mais sobre racismo religioso, ou outras formas de racismo, acesse o livro paradidático “Educação Antirracista: História, Conceitos e Reflexões para Combater o Racismo nas Escolas”. É só escanear o qrcode.





Fotografias



Abaixo você pode observar algumas fotografias do Banho de São João com a descida da ladeira da Escola de Tempo Integral Júlia Gonçalves Passarinho em 2022.





Para ver essas e mais fotos, acesse o site da SED/MS <https://www.sed.ms.gov.br/>



Em Corumbá, o banho de São João é mais do que uma manifestação religiosa, é também uma tradição cultural que forma a identidade da cidade. Assim, preservar essa tradição é também preservar a nossa cultura e a nossa identidade. Para que essa tradição não se perca, é fundamental criar meios para a salvaguarda do Banho de São João, e um dos caminhos possíveis é através da educação. A escola forma cidadãos que devem conhecer e reconhecer as suas identidades culturais. Por isso, é nesse espaço que se privilegia a importância das discussões históricas, culturais e religiosas dessa tradição, pois cabe aos jovens de hoje perpetuar a nossa cultura e identidade para o futuro.



(Alunos da Escola de Tempo Integral Júlia Gonçalves Passarinho descendo a ladeira Cruz e Souza no São João de 2023, para dar banho no Santo às margens do rio Paraguai. Essa é uma ação que mistura as disciplinas de História, com o conhecimento cultural, e a disciplina de Artes, com a confecção dos andores. Foto extraída do site da Secretaria de Educação do Estado do Mato Grosso do Sul - SED/MS)

Vamos treinar um pouco do que aprendemos?

Com base no que aprendemos lendo esse livro, responda as perguntas abaixo e preencha a nossa cruzadinha.



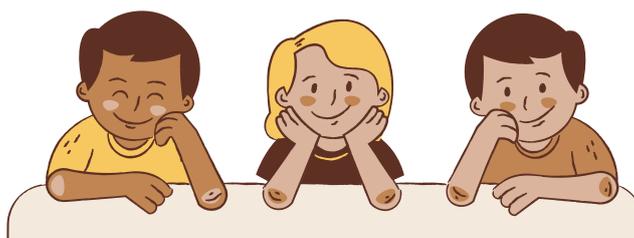
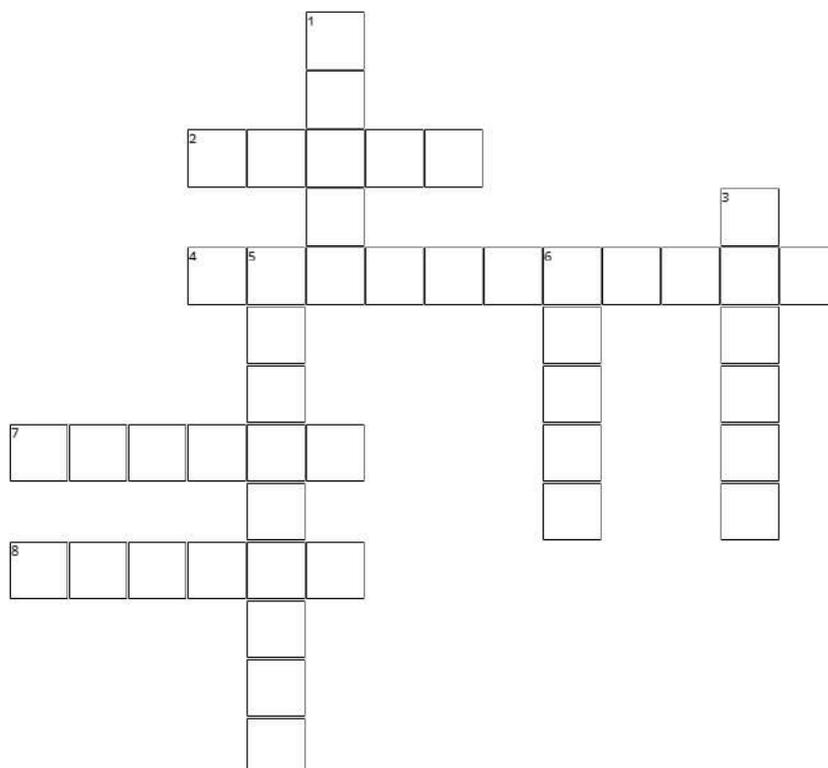
Banho de São João

Horizontais

2. Orixá que é associado a São João Batista
4. Lugar onde é dado o banho no santo em Corumbá
7. Pessoa que realiza a procissão para o banho de São João, mantendo essa fé ativa
8. Tipo de música com influência indígena que dá ritmo a musicalidade do Banho de São João

Verticais

1. Mês em que é realizada a festividade de São João em Corumbá
3. Instrumento erguido na frente da casa dos festeiros para anunciar o início do São João
5. Em 2021 o Banho de São João foi considerado, pelo IPHAN, um patrimônio histórico
6. Objeto que é ornamentado para carregar a imagem de São João Batista





Vamos treinar o que aprendemos!

CAÇA PALAVRAS

Analise com atenção o quadro abaixo e circule as palavras que estão relacionados ao Banho de São João.

E A S R S T U C F I O E T K B
R P G S I O H L R N T D S E F
R U O I N A D S F O M I T S E
D E V O C A O N D O C H U M N
P O E S R D R U F O O M T S A
R H U E E I C S E D R T L A N
X U T O T S N F S S U C R E D
D L R U I A C N T I M G C R O
B O A N S O U I E U B S A H R
R E D O M J R D I T A P R A E
C O I S O O U F R I E N O G U
H A C R E A R D O O F U X A S
L E A P I O U D S O N E M T R
S I O O H F W N E D S O A C X
R N X A N G O O A E U S R B A

São João - Sincretismo - Xangô - Andor - Cururu - Festeiros -
Devoção - Corumbá - Tradição



Achou todas as palavras? Agora compartilhe com seus amigos o que você aprendeu sobre o Banho de São João!

Vamos Jogar

Vamos juntos conhecer um pouco do Banho de São João? Precisamos chegar ao rio Paraguai para dar banho no Santo, porém para chegar ao nosso destino final, iremos percorrer um caminho de conhecimentos. Jogue o dado e avance as casas, em cada parada um aprendizado será apresentado. Mas cuidado, junto da sorte pode vir o azar!!!



Festa Junina



1 - Vamos iniciar o nosso caminho até o rio Paraguai, nessa primeira parada. Iremos reverenciar o São João. **Avance 2 casas.**

2 - Você sabia que o São João, como tradição cultural e religiosa, teve início ainda no século XIX? Isso significa que essa tradição tem mais de 100 anos. **Avance 3 casas.**

3 - É hora de montar o nosso andor. O andor é um objeto onde o santo é carregado, geralmente é decorado com flores e muita cor, para remeter a festividade do evento. **Avance 2 casas.**

4 - Em 2021 o banho de São João foi declarado como patrimônio Imaterial, isso significa que ele representa a nossa cultura e identidade.

5 - Você entrou no túnel do tempo e voltamos para 1865, ano em que Corumbá foi invadido pelas tropas paraguaias na guerra do Paraguai. **Volte 3 casas.**

6 - Já estamos próximos ao dia de São João. O Banho de São João possui uma série de rituais. Os preparativos se iniciam com os cuidados dedicados ao Santo nas casas dos festeiros, incluindo a realização de novenas, confecção e decoração de altares e andores. **Avance 2 casas.**

7 - Você deu azar. **Volte 3 casas**

8 - Chegamos em um terreiro. Apesar de ser uma manifestação religiosa advinda do catolicismo, o banho de São João de Corumbá incorpora outras religiosidades. Há festeiros que se declararam católicos, espíritas, umbandistas e alguns definem que sua religião é de matriz africana. **Avance 1 casa.**

9 - Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan (2019), o ritual do Banho de São João é um momento de adoração, de gratidão por graças alcançadas, de renovação de promessas, da fé, da amizade e carinho com o Santo. **Avance 1 casa.**

10 - Você deu azar. **Volte 3 casas**

11 - Hoje é dia de erguer o mastro. O mastro é erguido no dia 23/06 e ele só é baixado no dia 29/06, dia de São Pedro. Com a ajuda de várias pessoas, a haste é içada, indicando que é tempo de São João e que ali mora um festeiro. **Avance 1 casa.**

12 - Já estamos em ritmo de festa e dançando com as músicas tocadas pela viola de cocho. Viola-de-cocho é um instrumento musical produzido na região da bacia do Rio Paraguai – nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. **Avance 1 casa.**

13 - Seu mastro não estava forte o suficiente e caiu. **Volte 4 casas.**

14 - Você está quase chegando. Já está descendo a ladeira Cruz e Souza para banhar o santo no rio Paraguai. **Avance 1 casa.**

DEUS TE SALVE JOÃO BATISTA
SAGRADO O SEU NASCIMENTO
NÓS TEMOS QUE ALEGRAR!
SE SÃO JOÃO SOUBESSE,
QUE HOJE ERA O SEU DIA.
DESCIA DO CÉU À TERRA
COM PRAZER E ALEGRIA.
DESCIA DO CÉU À TERRA
COM PRAZER E ALEGRIA.
JOÃO BATIZOU CRISTO,
CRISTO BATIZOU JOÃO.
AMBOS FORAM BATIZADOS
NO RIO DE JORDÃO
AMBOS FORAM BATIZADOS
NO RIO DE JORDÃO”¹



¹Cantiga entoada na Ladeira Cunha e Cruz (Corumbá/MS), durante a descida dos andores, acompanhada de uma banda que alterna entonações sacras e carnavalescas.

Referências

BANDUCCI JÚNIOR, A. A natureza do pantaneiro: relações sociais e representação de mundo no Pantanal da Nhecolândia. Campo Grande/MS: Editora da UFMS, 2007.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Dossiê de Registro Banho de São João de Corumbá/Ladário – MS: subsídios para registro como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Campo Grande, 2019.

MACÊDO, J. L. Sopa Paraguaia (Miscelânea): regionalismo de J. L. Macedo, poeta ladarense. Academia Corumbaense de Letras, 1983.

PRANDI, Reginaldo; VALLADO, Armando. Xangô, rei de Oió. BARRETI FILHO, Aulo (org.). Dos yorùbá ao candomblé kétu. São Paulo, Edusp, 2010.

OLIVEIRA, M. A. M.; JUNQUEIRA, N. M. Representações sociais de sírios e libaneses em Corumbá/MS: comércio, casamento e cemitério. Revista Transporte y Territorio. Buenos Aires, v. 12, n. 15, p. 388-403, 2016.

QUEIROZ, P. R. C. Revisitando um velho modelo: contribuições para um debate ainda atual sobre a história econômica de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul. Intermeio. Campo Grande, v. 14, n. 27, p. 128-156, 2008.

RUBIM, R. Reservas da brasilidade. São Paulo: Nacional, 1939.

SENA, D. M. O cotidiano de um estrangeiro em um lugar cosmopolita: Corumbá 1870-1888. Revista de História. João Pessoa, v.2, n. 27, p. 77-93, 2012.

SOUZA, J. C. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, n. 48, p.331-351, 2004.

VEIGA, E. Quem foi São João, o profeta que teria batizado Jesus. In. BBC News Brasil. Disponível em:<https://www.bbc.com/portuguese/geral-61908026> Acesso em: 5 jun. 2023

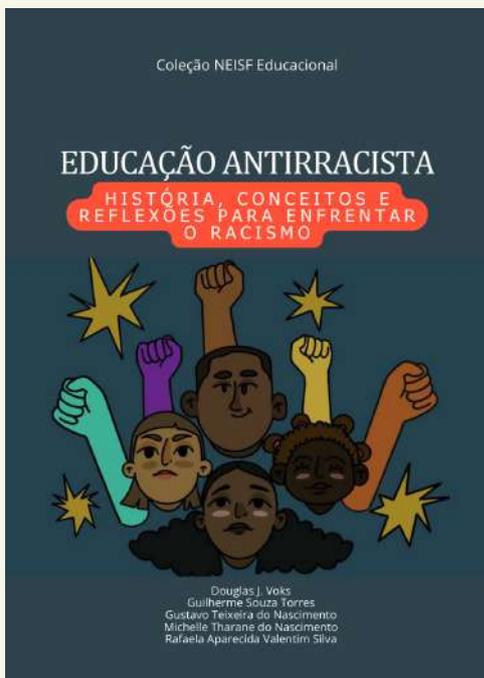
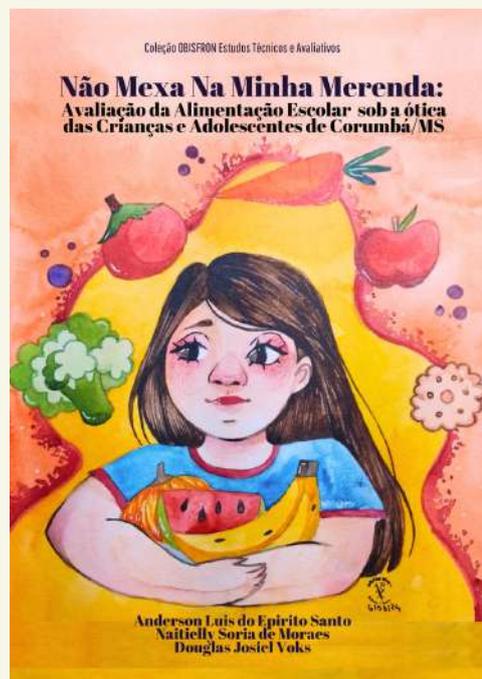
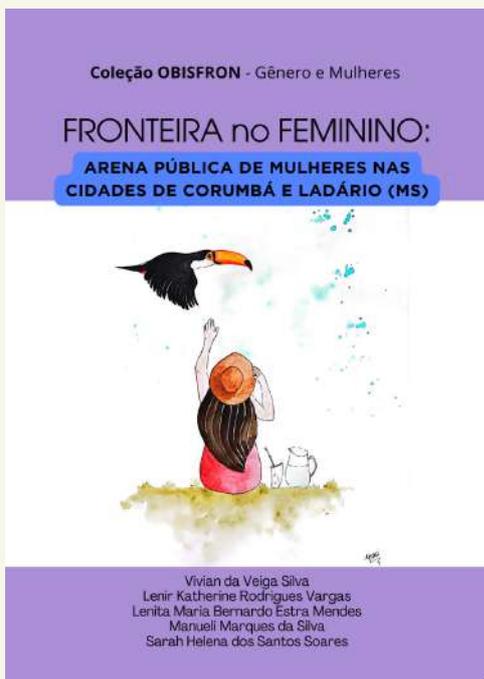
Sobre os autores

Douglas Josiel Voks: Doutor e Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e graduado em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Atua como professor efetivo na Rede Estadual da Educação no estado do Mato Grosso do Sul. Atualmente é membro e pesquisador do Núcleo de Estudos em Inovações Sociais da Fronteira (NEISF/UFMS) atuando na linha Culturas Políticas, Sociabilidades e Fronteira. Bolsista FUNDECT/MS através do programa PICTEC.

Guilherme Augusto de Oliveira Cunha: Aluno do segundo ano do Ensino Médio da Escola de Tempo Integral Júlia Gonçalves Passarinho. Bolsista FUNDECT/MS através do programa PICTEC.

Leonardo Vinicius Cuellar Polato Amancio: Aluno do terceiro ano do Ensino Médio da Escola de Tempo Integral Júlia Gonçalves Passarinho. Bolsista FUNDECT/MS através do programa PICTEC.

Conheça outras obras do Núcleo de Estudos da Fronteira -NEISF e do Observatório de Inovação Social da Fronteira - OBISFRON. Todas podem ser acessadas digitalmente escaneando o Qrcode ao lado.



Este é um livro **paradidático**, pensado e elaborado com uma linguagem de fácil compreensão, para ser utilizado em sala de aula e, em especial, para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Tem como objetivo fomentar a salvaguarda de um patrimônio histórico imaterial e, principalmente, salvaguardar uma tradição cultural que une uma coletividade em torno da fé e da devoção, que tão bem representa os laços culturais e identitários do povo corumbaense.

